



Engenharia de Expressão Portuguesa

No mês de Abril realizou-se em Lisboa o primeiro encontro de técnicos de engenharia dos «países de língua oficial portuguesa». Não nos foi possível participar activamente nessas «Jornadas de Engenharia». Fizemos apenas uma fugaz aparição no local das discussões. Mas bastou para verificar o excelente convívio de profissionais portugueses (nem só engenheiros) com vários convidados brasileiros e dos novos países africanos que falam a nossa língua, porquanto a possibilidade de comunicar verbalmente e na presença física, em diálogo vivo, constitui um dos mais ricos meios de entrelaçamento dos povos e das culturas. Restou-nos então apenas a leitura das comunicações apresentadas ao plenário para responder ao compromisso de escrever neste editorial um apontamento sobre o significado do feito, tão bem accionado pela Secretaria de Estado da Cooperação.

A informação quanto às potencialidades da engenharia portuguesa, naturalmente com os seus custos, encontra na metodologia dos congressos uma animação com efeitos mais eficientes que a via pura da documentação escrita (embora não a dispense). Os homens têm oportunidade de falar entre si e conhecer-se melhor, confrontando situações reais, e depois reagem mais afoitamente, pois continuam a ser os homens que comunicam uns com os outros (não obstante os progressos tecnológicos nos circuitos intermédios). Repare-se, contudo, que para se atingir a plenitude das boas consequências é indispensável uma dose decisiva de sinceridade ou consciência das limitações envolventes e sem fraquezas — requisitos que podemos preencher pelo nosso carácter e apesar do temperamento do povo que somos. Mas torna-se ainda imperativo conhecermo-nos previamente — o que não acontece. Cada um anda a querer desatulhar os seus pergaminhos da poeira que resta, desconhecendo obstinadamente os objectivos alheios, talvez por receio de cair em quesílias depradadoras, quiçá por descrença ou desamparo institucional, seguramente numa actividade muito pouco sinérgica. No entanto a engenharia portuguesa tem uma missão natural a cumprir em África. A cooperação portuguesa poderá enriquecer ao máximo o património social e cultural de

Angola, Moçambique, São Tomé, Guiné e Cabo Verde, embora as condições para esse exercício histórico não sejam totalmente favoráveis. Cuidado, porém, que o tempo poderá inviabilizar os processos válidos. Então tudo será perdido. Até a língua com que nos desentendemos.

Tais considerações ressaltam do exame dos textos feitos nos temas de «energia» e «informática», os quais mostram claramente a desmotivação ou desagregação das pessoas e instituições (pressupondo idêntico desiderato dos restantes temas). Por outro lado, a limitação das discussões às «novas formas energéticas» (solar, eólica e biomassa) para fins rurais não deixa de ser um erro estratégico relativamente aos interesses da «engenharia de expressão portuguesa». Lembremos a vasta experiência que inegavelmente temos no âmbito hidroeléctrico e pensemos no manancial de dados e conhecimentos que as actuais gerações portuguesas possuem das realidades daqueles países africanos. Salvo casos de excepção, perfeitamente identificados, parece que a riqueza energética das águas dos rios poderá satisfazer anseios locais de desenvolvimento na maneira mais vantajosa, tendo em conta planos globais de cada território. Contudo, essa possibilidade, convergente com as nossas disponibilidades tecnológicas, não foi apontada. A «transferência tecnológica» para os países do hemisfério sul, que constitui uma preocupação económica dos países desenvolvidos (bem patente na última Conferência Mundial da Energia, em Nova Dehli), mal estremeceu a nossa serenidade, contentando-nos em anunciar coisas bonitas que ainda mal se esboçam em Portugal. Maior impressão de desagregação e desadaptação fornecem as comunicações sobre informática. Chega a parecer que os nossos investigadores não têm outras ocasiões para debitar lições. Curiosamente, só o relato do subtema «papel da informática na formação» deu notícia de uma importante experiência integrando universidades portuguesas e a angolana: salvou a honra do convento, porque exprime cabalmente o sentido atribuído à «engenharia de expressão portuguesa».

Hermínio Duarte-Ramos